REVISTA ELETRÔNICA
ACERVO
ENFERMAGEM
ISSN 2674-7189



Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre as infecções sexualmente transmissíveis

Knowledge of nursing students about sexually transmitted infections

Conocimientos de los estudiantes de enfermería sobre las infecciones de transmisión sexual

Polyana Norberta Mendes[1], Ana Clara Rodrigues Mendes da Cunha[1], Glendha Damasceno Oliveira Almeida[1].

RESUMO

Objetivo: Analisar o conhecimento e os comportamentos relacionados à sexualidade e prevenção das ISTs entre estudantes de enfermagem de uma instituição privada de ensino superior. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa, com amostragem censitária dos estudantes do curso de enfermagem. Participaram 39 discentes. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico no *Google Forms*, analisados em planilha Excel. **Resultados:** Os estudantes consideram o seu conhecimento suficiente e demonstraram compreender as estratégias de prevenção das ISTs, como reconhecem o uso do preservativo como principal forma de prevenção. No entanto, persistem lacunas quanto ao conhecimento de infecções como as hepatites virais, clamídia e gonorreia, bem como, compreendem como verdade informações que são mitos sobre formas de transmissão e apresentam comportamentos de risco, como a suspensão do uso do preservativo em relações estáveis. A maioria avalia que a abordagem do tema na graduação é insuficiente. **Conclusão:** Conclui-se que há necessidade de fortalecimento da educação em saúde no ambiente acadêmico, por meio de estratégias teóricas e práticas que ampliem a formação e contribuam para a atuação mais eficaz na prevenção das ISTs.

Palavras-chave: Infecções sexualmente transmissíveis, Enfermagem, Conhecimento, Comportamento sexual.

ABSTRACT

Objective: To analyze the knowledge and behaviors related to sexuality and STI prevention among nursing students at a private higher education institution. **Methods:** This is a descriptive study with a quantitative approach, employing a census sampling of nursing students. Thirty-nine students participated. Data collection was conducted via an electronic questionnaire on Google Forms and analyzed using an Excel spreadsheet. **Results:** Students considered their knowledge sufficient and demonstrated understanding of STI prevention strategies, recognizing condom use as the main method of prevention. However, gaps remain regarding

[1] Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), Teresina – PI.

Trabalho resultante da pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário santo Agostinho.

SUBMETIDO EM: 2/2026 | ACEITO EM: 3/2026 | PUBLICADO EM: 5/2026

knowledge of infections such as viral hepatitis, chlamydia, and gonorrhea, and they accept as true information that are actually myths about transmission, while exhibiting risky behaviors such as discontinuing condom use in stable relationships. Most evaluate that the approach to the topic in undergraduate studies is insufficient. **Conclusion:** It is concluded that there is a need to strengthen health education in the academic environment through theoretical and practical strategies that expand training and contribute to more effective action in the prevention of STIs.

Keywords: Sexually transmitted infections, Nursing, Knowledge, Sexual behavior.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el conocimiento y los comportamientos relacionados con la sexualidad y la prevención de ITS entre estudiantes de enfermería de una institución de educación superior privada. **Métodos:** Se trata de un estudio descriptivo con enfoque cuantitativo, empleando un muestreo censal de estudiantes de enfermería. Participaron treinta y nueve estudiantes. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario electrónico en Google Forms y se analizó utilizando una hoja de cálculo de Excel. **Resultados:** Los estudiantes consideraron suficiente su conocimiento y demostraron comprensión de las estrategias de prevención de ITS, reconociendo el uso del condón como el principal método de prevención. Sin embargo, persisten lagunas en cuanto al conocimiento de infecciones como la hepatitis viral, la clamidia y la gonorrea, y aceptan como verdaderas informaciones que en realidad son mitos sobre la transmisión, mientras muestran comportamientos de riesgo como interrumpir el uso del condón en relaciones estables. La mayoría evalúa que el abordaje del tema en los estudios de pregrado es insuficiente. **Conclusión:** Se concluye que es necesario fortalecer la educación en salud en el entorno académico mediante estrategias teóricas y prácticas que amplíen la formación y contribuyan a una acción más efectiva en la prevención de las ITS.

Palabras clave: Infecciones de transmisión sexual, Enfermería, Conocimiento, Comportamiento sexual.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são transmitidas principalmente por relações sexuais desprotegidas, embora também possam ocorrer por via vertical, da mãe para o filho durante a gestação ou o parto. São ISTs, o HIV/aids, sífilis, papilomavírus humano (HPV), herpes genital, clamídia e gonorreia, dentre outras. Em geral, cursam assintomáticas, mas podem manifestar-se com sinais clínicos como verrugas, secreções, prurido ou lesões. A busca por atendimento nos serviços de saúde ocorre, com frequência, diante de complicações, como sintomas persistentes, infertilidade ou problemas gestacionais (DOMINGUES CSB, et al., 2021).

Apesar das estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento disponíveis no Sistema Único de Saúde, diversos fatores ainda dificultam o diagnóstico e o tratamento oportuno, especialmente entre os jovens. Entre os principais obstáculos estão o estigma social, a vergonha, a desinformação, o medo dos resultados e a banalização de comportamentos de risco. Esses fatores contribuem para a continuidade da transmissão dessas infecções (SOUSA CP, et al., 2017).

Dados epidemiológicos evidenciam um aumento significativo de casos de ISTs entre adolescentes e jovens nas últimas décadas, especialmente entre os de 15 a 24 anos. Fatores como o início precoce da vida sexual, múltiplos parceiros, uso inconsistente de preservativos e o consumo de álcool e drogas estão diretamente relacionados à exposição a essas infecções. Além disso, o ambiente escolar e universitário, embora reconhecido como espaço estratégico para ações de promoção da saúde, ainda apresenta limitações na abordagem sistemática da sexualidade, seja pela ausência de formação adequada dos docentes ou pelos tabus que permeiam o tema (LIMA PC, et al., 2024). A juventude, especialmente a inserida em contextos de desigualdade social, como populações LGBTQIA+, jovens em situação de pobreza e moradores de áreas periféricas, enfrentam obstáculos adicionais no acesso à informação, prevenção e tratamento das ISTs,

incluindo o uso de drogas lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (solventes, maconha e cocaína), a falta de proteção nas relações sexuais, a dificuldade em obter preservativos, a violência doméstica e a exploração sexual. A exclusão, o preconceito e a falta de políticas públicas eficazes para essas populações agravam o cenário, gerando consequências sociais, físicas e psicológicas importantes (NUNES ELG e ANDRADE AG, 2009).

No Brasil, o foco da política de atenção às IST é a prevenção, diagnóstico precoce e tratamento imediato. O atendimento imediato é usado para curar, reduzir a vulnerabilidade e possíveis complicações da infecção. O diagnóstico e o tratamento devem ser iniciados o mais rápido possível, bem como a disseminação de informações e educação em saúde individual e coletiva. No contexto da atenção integral à saúde, é imperativo aproveitar as oportunidades de práticas que permitam a educação preventiva, a participação de profissionais para acolher, identificar as necessidades de saúde e avaliar as vulnerabilidades da população (TERRA AAA e SILVA GAS, 2017).

Nesse sentido, a atuação do enfermeiro se destaca como estratégica para a educação em saúde, promoção de comportamentos seguros e acolhimento livre de julgamentos. A enfermagem, enquanto profissão voltada para o cuidado integral, deve incorporar práticas educativas que favoreçam o diálogo e o empoderamento dos jovens frente à própria sexualidade e ao autocuidado. Além disso, as instituições de ensino superior têm a responsabilidade de contribuir com a formação crítica e ética de futuros profissionais da saúde, preparando-os para atuar com sensibilidade, competência técnica e compromisso social (SOUSA CP, et al., 2017).

Diante do exposto, torna-se essencial investigar o conhecimento e os comportamentos adotados por estudantes universitários do curso de Enfermagem em relação à sexualidade e às infecções sexualmente transmissíveis. Essa análise permitirá identificar possíveis lacunas na formação acadêmica, no acesso às informações sobre saúde sexual e na adesão a práticas preventivas. A pesquisa proposta visa oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias educativas mais eficazes dentro das instituições de ensino superior, contribuindo não apenas para a formação crítica dos futuros profissionais de saúde, mas também para a promoção da saúde sexual e redução da incidência de ISTs entre jovens universitários. Espera-se, com isso, fomentar o interesse dos estudantes pelo tema e ampliar sua responsabilidade enquanto agentes multiplicadores de informação e cuidado na sociedade.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa realizado em uma instituição privada de ensino superior localizada em Teresina-PI. A população do estudo compreende 39 alunos de enfermagem regularmente matriculados na instituição no período da pesquisa, caracterizando uma amostragem censitária, ou seja, envolvendo todos os indivíduos pertencentes ao grupo de interesse.

Foram definidos como critérios de inclusão ter idade igual ou superior a 18 anos e estar regularmente matriculado, e como critérios de exclusão respostas incompletas, desistência antes da conclusão do questionário ou afastamento por licença médica.

A coleta de dados foi finalizada com a participação de 41 estudantes universitários. Destes, dois não concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo, portanto, excluídos da amostra final, que totalizou 39 participantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico, elaborado no Google Forms, proporcionando praticidade no preenchimento, sigilo e anonimato das respostas, além de permitir organização e acompanhamento em tempo real. O instrumento foi estruturado com base em estudos anteriores e adaptado à realidade dos estudantes (BRASIL, 2011).

O convite aos participantes foi feito por meio de carta convite, divulgada em cartazes fixados nas salas de aula e entregue pelos líderes de turma, além de compartilhada em plataformas digitais, como WhatsApp e Instagram, de modo a ampliar a visibilidade e garantir maior alcance. A coleta teve início mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, ocorrendo nos meses de agosto a novembro de 2025.

Os dados coletados foram exportados diretamente da plataforma Google Forms para uma planilha Excel, passando por um processo de organização e exclusão de respostas inválidas, incompletas ou que não concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao todo, foram excluídas duas respostas durante esse processo. Essa estratégia possibilitou compreender o nível de conhecimento dos estudantes e seus comportamentos em relação à sexualidade e às ISTs, fornecendo informações relevantes para a literatura acadêmica e para a prática educacional em saúde.

O estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo anonimato, sigilo e respeito à autonomia dos participantes, os quais tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de responder ao questionário. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UNIFSA com parecer n°7.314.312, CAAE n° 84530524.5.0000.5602 e segue ainda as orientações do Ofício Circular nº 2/2021 do Ministério da Saúde sobre o uso de ambientes virtuais em pesquisas, assegurando clareza no consentimento e rigor metodológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 39 estudantes que compuseram a amostra, 76,9% (N=30) se identificaram com o sexo feminino, 20,5% (N=8) com o sexo masculino e 2,6% (N=1) preferiu não informar. A idade média dos participantes foi de 22,59 anos, com idade mínima de 18 anos e máxima de 44 anos. Os participantes estavam distribuídos entre o primeiro e o nono período do curso de graduação, contemplando diferentes fases de formação acadêmica. A distribuição dos participantes, conforme o período letivo, está apresentada na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Distribuição dos participantes segundo os diferentes períodos letivos do curso de enfermagem.

Período do curso	N (%)
1°período	1(2,6%)
2°período	3(7,7%)
3°período	2(5,1%)
4°período	2(5,1%)
5°período	1(2,6%)
6°período	7(17,9%)
7°período	3(7,7%)
8°período	3(7,7%)
9°período	17(43,6%)

Fonte: Mendes PN, et al., 2026.

No que se refere ao conhecimento prévio dos participantes sobre as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), observou-se que o HIV/AIDS ((Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) foi a infecção mais reconhecida, sendo citada por 100% dos respondentes. Em seguida, destacaram-se a sífilis (94,9%, N=37), a gonorreia (92,3%, N=36), o HPV (94,9%, N=37), o herpes (92,3%, N=36), a hepatite C (84,6%, N=33), a candidíase (82,1%, N=32), a clamídia (76,9%, N=30), a tricomoníase (74,4%, N=29). Em contrapartida, infecções como o linfogranuloma venéreo (12,8%, N=5) e a donovanose (10,3%, N=4), foram mencionadas por uma parcela significativamente menor dos estudantes.

Esses dados evidenciam que, embora os discentes apresentem um bom nível de conhecimento sobre as ISTs mais comuns, ainda existem lacunas importantes no reconhecimento de infecções menos conhecidas. Esse cenário destaca a necessidade de estratégias educativas mais abrangentes durante a formação acadêmica. Conforme também apontado no estudo de Pirani AT, et al. (2025), que avaliou o conhecimento de universitários brasileiros por meio da aplicação de questionários, foram identificadas deficiências significativas na compreensão sobre ISTs menos divulgadas, reforçando a importância de uma abordagem educacional mais ampla sobre o tema.

Quanto ao modo de transmissão, observou-se que a totalidade dos participantes (100%) reconhece a relação sexual sem preservativo como uma forma de transmissão, enquanto 87,2% (N=34) indicaram o compartilhamento de agulhas e seringas e o contato com secreções infectadas. Já 79,5% (N=31) associaram

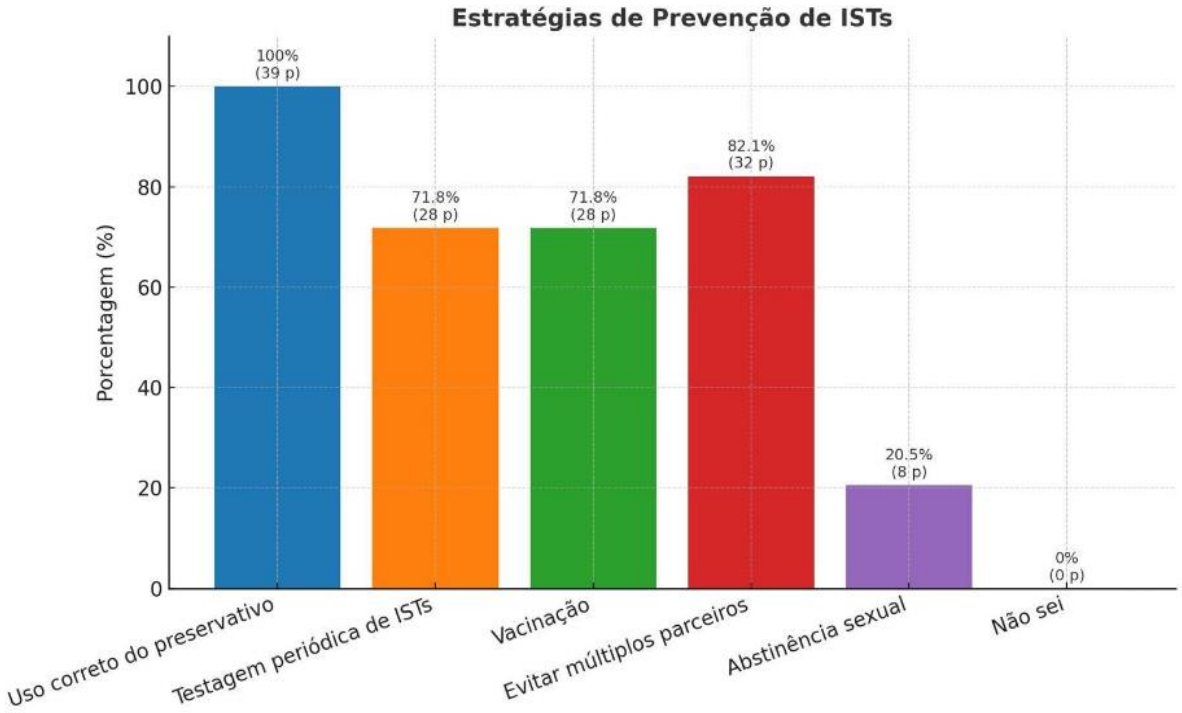
a transfusão de sangue contaminado, 35,9% (N=14) o beijo na boca e 20,5% (N=8) o uso de banheiros públicos. Esses dados revelam que, embora a maioria identifique corretamente as principais vias de transmissão, ainda existem concepções equivocadas acerca de práticas que não configuram risco real, como o uso de banheiros, evidenciando a necessidade de estratégias educativas para a correção de mitos e para a ampliação do conhecimento sobre a temática.

De acordo com Araujo L, et al. (2024), há evidências de que as infecções sexualmente transmissíveis são principalmente transmitidas por meio de relações sexuais desprotegidas, seja por via vaginal, anal ou oral, afetando milhões de pessoas em todo o mundo a cada ano. Além disso, existe a transmissão vertical, isto é, de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, bem como por meio do compartilhamento de instrumentos perfurocortantes ou contato com sangue contaminado, especialmente em relação às hepatites e HIV. Isso destaca a relevância de estratégias de prevenção integradas, como a educação em saúde, o uso adequado de preservativos, a vacinação, a testagem regular e o tratamento adequado, como formas eficazes de interromper a cadeia de transmissão e diminuir o impacto das ISTs na população.

Quando questionados sobre a percepção do próprio conhecimento, 63,2% (N=24) dos estudantes afirmaram não o considerar adequado, enquanto apenas 36,8% (N=14) julgaram ter conhecimento suficiente sobre ISTs. Apesar disso, ao serem confrontados com a hipótese de apresentarem feridas ou verrugas na região íntima, 92,1% (N=35) dos participantes reconheceram a possibilidade de se tratar de uma infecção sexualmente transmissível, ao passo que 7,9% (N=3) não associariam esses sinais a uma IST.

Esses resultados apontam uma lacuna significativa entre a percepção de conhecimento e a capacidade de reconhecimento de possíveis sintomas de ISTs. Embora 24 participantes deste estudo afirmem não considerar seu conhecimento adequado sobre o tema, a maioria reconheceu a possibilidade de se tratar de uma IST ao se deparar com sinais clínicos como feridas ou verrugas na região íntima. Essa discrepância entre a autopercepção e a identificação prática de sintomas também foi observada em estudo realizado por Silva B, et al. (2022) com estudantes do ensino médio em Paudalho-PE, no qual 34,8% relataram não compreender bem sobre ISTs e AIDS, ao passo que 10,3% indicaram talvez ter apresentado alterações genitais compatíveis com sinais de infecção. O **Gráfico 1** indica o conhecimento sobre as estratégias de prevenção.

Gráfico 1 - Estratégias de prevenção.



Fonte: Mendes PN, et al., 2026.

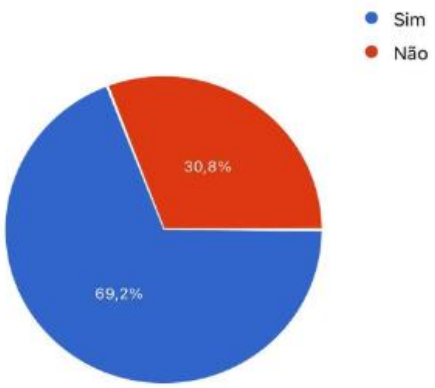
Os dados apresentados no **Gráfico 1** indicam que o conhecimento sobre prevenção das ISTs entre os participantes é satisfatório. Todos reconheceram o uso correto do preservativo como forma eficaz de prevenção, e a maioria também apontou outras estratégias importantes, como evitar múltiplos parceiros (82,1%, N=32), realizar testagens periódicas (71,8%, N=28) e a vacinação (71,8%, N=28). Embora a abstinência sexual tenha sido mencionada por uma parcela menor (20,5%, N=8), é relevante notar que nenhum participante declarou desconhecer métodos preventivos.

Além disso, observa-se que a vasta maioria dos participantes (94,9%, N=37) entende que os métodos contraceptivos hormonais não protegem contra as ISTs, ao passo que apenas 2,6% (N=1) acreditam que sim e outros 2,6% (N=1) declararam não saber. Esses dados indicam um grau adequado de compreensão sobre as limitações desses métodos.

Ademais, 97,4% (N=38) concordam que o uso de preservativos deve ser uma responsabilidade compartilhada entre os parceiros, evidenciando uma visão madura e coletiva sobre a proteção nas relações sexuais. Somente uma pequena fração (2,6%, N=1) encarregou exclusivamente o homem dessa responsabilidade.

Sobre as práticas e atitudes em relação à saúde sexual, observa-se no **Gráfico 2** que 69,2% dos participantes (27 pessoas) já conversaram sobre o tema com um profissional de saúde, enquanto 30,8% (12 pessoas) relataram nunca ter buscado esse tipo de orientação.

Gráfico 2 - Diálogo com profissionais de saúde sobre saúde sexual.



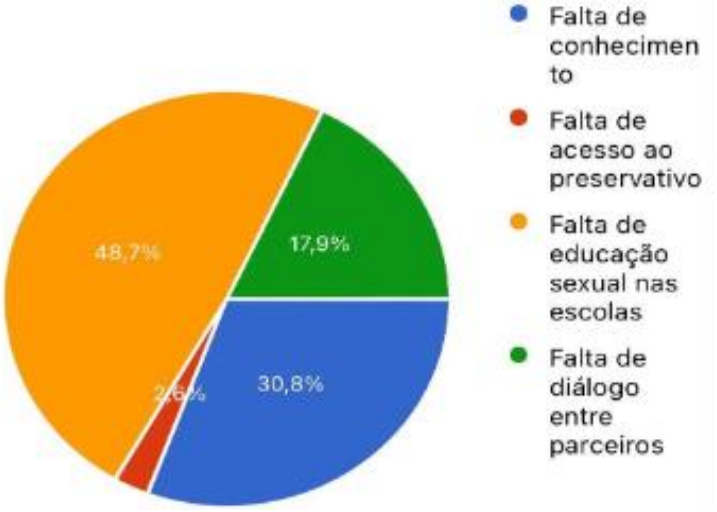
Fonte: Mendes PN, et al., 2026.

Esses resultados mostram que há alguma conscientização sobre a importância da prevenção, mas também indicam que o acesso a informações de qualidade ainda é insuficiente. Para impulsionar os progressos nesse campo, é essencial investir em abordagens de comunicação inovadoras e variadas, que respeitem e se conectem com a cultura local, fornecendo conteúdos ajustados aos distintos contextos. Nesse contexto, o diálogo permanece como um instrumento fundamental para fomentar comportamentos preventivos, podendo ser realizado por meio de rodas de conversa, grupos operativos ou aconselhamento em serviços de saúde, instituições de ensino, ONGs e outros locais dedicados à prevenção. Essas ações ajudam a espalhar informações confiáveis e incentivam a adoção de práticas sexuais mais seguras (BRASIL, 2011).

No ambiente universitário, tratando-se de ISTs, observa-se que os jovens apresentam maior vulnerabilidade devido a comportamentos pouco conscientes. Os estudantes têm um entendimento insuficiente em relação a transmissão e prevenção de ISTs e uma percepção de risco reduzida, isso se deve ao fato de que esse período é marcado por descobertas e início da vida sexual. Os professores consideram o tema sexualidade como de extrema importância no processo de educação, entretanto muitas das vezes não se sentem seguros para tratar sobre o assunto. Contudo, o docente deve aparecer como orientador, sendo a universidade apresentada como um ambiente adequado para difundir conhecimentos e conscientizar esses (CHAVES AFL, et al., 2022).

No **Gráfico 3**, verifica-se que a principal barreira apontada pelos participantes para a prevenção das ISTs entre os jovens foi a falta de educação sexual nas escolas, indicada por 48,7% (N=19) dos respondentes. Em seguida, 30,8% (N=12), atribuíram a dificuldade à falta de conhecimento, enquanto 17,9% (N=7) destacaram a falta de diálogo entre parceiros e apenas 2,6% (N=1) mencionaram a falta de acesso ao preservativo como obstáculo.

Gráfico 3 - Principais barreiras para a prevenção de ISTs entre jovens.



Fonte: Mendes PN, et al., 2026.

A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre jovens envolve estratégias combinadas, que incluem o uso regular e correto de preservativos em todas as relações sexuais, a realização periódica de testagens para diagnóstico precoce, além da busca por informações confiáveis em serviços de saúde e programas educativos. A escola e a universidade têm papel essencial na promoção da educação sexual, oferecendo espaço para o diálogo aberto sobre sexualidade, autocuidado e responsabilidade nas escolhas. Campanhas direcionadas a esse público também contribuem para reduzir estigmas e incentivar práticas seguras. Nesse sentido, quanto mais cedo os jovens têm acesso a informações claras e apoio de profissionais de saúde, maiores são as chances de adoção de comportamentos preventivos eficazes (SANTOS LRB, et al., 2025).

A atitude de usar o preservativo está condicionada a emoção e ao afeto. A adesão ao uso do preservativo em relações estáveis ainda apresenta fragilidades: apenas 30,8% (N=12 afirmaram que usariam sempre, enquanto 33,3% (N=13) declararam que utilizariam apenas às vezes. Além disso, 23,1% (N=9) relataram que não usariam por confiar no parceiro e 12,8% (N=5) disseram não saber. A maioria (61,5, N=24%) já deixou de usar preservativo por confiar que o(a) parceiro(a) não tinha IST, enquanto 30,8% (N=12) nunca deixaram de usar e 7,7% (N=3) responderam “não se aplica”.

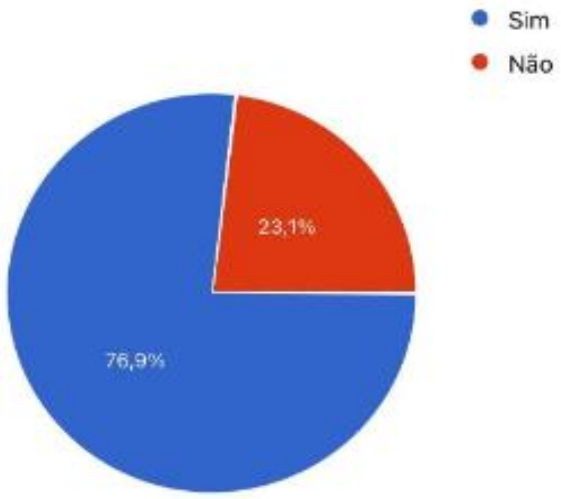
Ao tempo que, a grande maioria (92,3%, N=36) teria coragem de sugerir o uso do preservativo em todas as relações sexuais, enquanto 5,1% (N=2) não teriam coragem e 2,6% (N=1) não souberam responder. Esse resultado indica uma percepção positiva sobre a importância da prevenção.

Embora muitos jovens possuam conhecimento sobre os riscos das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), fatores subjetivos, como a confiança no parceiro e a percepção de estabilidade no relacionamento, influenciam significativamente a decisão de utilizar o preservativo. Um estudo realizado com adolescentes brasileiros revelou que, apesar da conscientização sobre os riscos, a confiança no parceiro pode levar à redução do uso de preservativos, especialmente em relações estáveis. Esses achados destacam a necessidade de estratégias educativas contínuas que enfatizem a importância do preservativo em todas as relações sexuais, independentemente do grau de confiança ou intimidade entre os parceiros (GUTIERREZ EB, et al., 2019).

Além disso, estudos científicos demonstram que o nível de conhecimento sobre ISTs entre estudantes universitários afeta diretamente suas práticas de prevenção e que intervenções educativas podem melhorar esse conhecimento e as atitudes preventivas. Uma pesquisa com universitários da área da saúde revelou que, apesar de haver conhecimento básico sobre ISTs, aspectos comportamentais de risco e baixa adesão a medidas preventivas, como uso de preservativos, ainda persistem, evidenciando a necessidade de reforço da educação em saúde sexual no contexto universitário (conhecimento e conduta de estudantes médicos frente às ISTs (ALMEIDA RAAS, et al., 2017). Da mesma forma, um estudo com estudantes universitários na Alemanha encontrou que níveis mais altos de conhecimento sobre comportamentos protetores estão correlacionados com maior utilização de ferramentas de prevenção, como preservativos, testes e vacinação, sugerindo que programas educativos efetivos podem estimular práticas que reduzem a transmissão de ISTs nesse grupo populacional jovem (VOEGELE P e POLENZ W, 2024).

O **Gráfico 4** demonstra que a maioria dos participantes (76,9%, N=30) considera a abordagem da faculdade relevante e útil para sua formação pessoal e profissional, enquanto 23,1% (N=9) não compartilham dessa opinião, evidenciando a importância atribuída ao tema para o desenvolvimento acadêmico e profissional.

Gráfico 4 - Percepção dos participantes sobre a relevância da abordagem do tema na faculdade.



Fonte: Mendes PN, et al., 2026.

Dos 39 participantes, 53,8% (N=21) acreditam que o tema não é abordado adequadamente nas disciplinas do curso, contrapondo-se aos 46,2% (N=18) que consideram a abordagem satisfatória. A maioria dos participantes (76,9%, N=30) nunca participou de palestras, workshops ou atividades na IES sobre sexualidade e prevenção de ISTs, enquanto apenas 23,1 (N=9) % já tiveram essa experiência.

Esses estudos indicam que, apesar da relevância do tema, há baixa oferta e participação em atividades complementares sobre ISTs nas universidades, o que limita a aprendizagem prática e a ampliação do conhecimento dos estudantes. A inclusão de ações educativas, como oficinas, palestras e atividades interativas, tem se mostrado eficiente para aumentar a conscientização e o engajamento dos jovens, promovendo não apenas o conhecimento teórico, mas também habilidades para a adoção de práticas preventivas seguras. Esses achados reforçam a necessidade de políticas institucionais que integrem a educação em saúde sexual de forma contínua e prática nos currículos acadêmicos.

As Oficinas de Educação em Saúde nas instituições de ensino são fundamentais, pois essas instituições têm um papel importante na socialização e na construção de conhecimentos e valores necessários para o exercício da cidadania. Ações educativas são cruciais para enfrentar a vulnerabilidade dos jovens às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), incluindo o aumento do HIV, cuja incidência tem crescido. É importante que profissionais de saúde e instituições colaborem para orientar os jovens sobre como melhorar

sua qualidade de vida, promovendo discussões que integrem saúde e educação no ambiente escolar (BESERRA EP, et al., 2008).

Foi feita uma pergunta aos participantes para que justificassem suas respostas às três últimas questões, relatando como a IES aborda temas relacionados à sexualidade e à prevenção de ISTs. As justificativas apresentadas mostram diferentes percepções. Um dos relatos destaca que a abordagem é muito generalizada, sugerindo que um aprofundamento mais conciso seria positivo. Outro participante descreve experiências específicas em disciplinas como Saúde da Mulher I e Optativa II: Mulher, Criança e Violência, ressaltando atividades intramuros e extramuros, como ações educativas sobre uso de preservativo, planejamento familiar, direitos e programas sociais, além de estratégias de educação sexual voltadas ao público masculino, reforçando a importância de vivências práticas na formação.

Um terceiro relato reconhece que, embora o tema seja abordado de forma adequada nas disciplinas, a carga horária e a diversidade de conteúdos podem tornar a abordagem superficial, ainda assim contribuindo para o conhecimento científico e capacitação dos alunos para compreender as ISTs, seus modos de transmissão e prevenção. Esse conjunto de respostas evidencia que, apesar da presença do tema no currículo, há espaço para aprofundamento, ampliação da participação em atividades práticas e maior divulgação de workshops e ações educativas dentro da IES.

CONCLUSÃO

As considerações finais deste estudo demonstram que, apesar do conhecimento geral dos estudantes acerca da sexualidade e da prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis, aspectos como confiança no relacionamento e percepção de estabilidade afetiva continuam influenciando a adoção de práticas preventivas, especialmente no uso do preservativo, que muitos relataram deixar de utilizar por acreditarem que o parceiro não apresentava risco. Ainda assim, observa-se uma postura positiva, uma vez que a maioria dos participantes refere sentir-se à vontade para sugerir o uso do preservativo em suas relações. Os resultados também evidenciam que os estudantes reconhecem a relevância do tema para sua formação pessoal e profissional, embora percebam limitações na forma como o conteúdo é abordado nas disciplinas do curso e relatem baixa participação em atividades educativas complementares. Dessa forma, o estudo contribui para a compreensão da percepção e do comportamento dos estudantes frente à sexualidade e à prevenção de ISTs, ressaltando a necessidade de estratégias educativas contínuas, integradas e interdisciplinares que ampliem o conhecimento, fortaleçam atitudes preventivas e promovam a formação de profissionais de saúde mais preparados.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Agradecemos a instituição de ensino superior onde o estudo foi desenvolvido, pelo apoio institucional e por proporcionar um ambiente favorável à produção científica. Aos estudantes do curso de Enfermagem que aceitaram participar da pesquisa, pela disponibilidade, colaboração e confiança, tornando possível a concretização deste trabalho. Aos docentes e profissionais que, direta ou indiretamente, contribuíram com orientações, incentivo e apoio ao longo do desenvolvimento do estudo. Quanto ao financiamento, o presente estudo contou com financiamento do Programa de iniciação científica do Centro Universitário Santo Agostinho-UNIFSA.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA RAAS, et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Rev. Bras. Enferm., 2017; 70: 5.
2. ARAUJO L, et al. Infecções sexualmente transmissíveis-uma revisão integrativa. Cien. da Saúde, 2024; 28: 135.

3. BRASIL, Ministério da Saúde. Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira. Brasília-DF, 2011.
4. BESERRA EP, et al. Dialogando com Professores na Escola Sobre Sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, 2008; 9: 4.
5. CHAVES AFL, et al. Conhecimento, atitude e prática de universitários intercambistas africanos acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis. Esc Anna Nery, 2022.
6. DOMINGUES CSB, et al. Protocolo brasileiro para infecções sexualmente transmissíveis: vigilância epidemiológica. Epidemiol. Serv. Saúde, 2021; 30(1).
7. GUTIERREZ EB, et al. Fatores associados ao uso de preservativo em jovens. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2019; 22(1).
8. LIMA PC, et al. Enfrentamento de epidemias de ISTs em população jovem: caracterização da linguagem em materiais educativos. Cien Saude Colet, 2024; 29: 2.
9. NUNES ELG, ANDRADE AG. Adolescentes em situação de rua. Psicologia & Sociedade, 2009; 21(1).
10. PIRANI AT, et al. Estudantes de uma faculdade de medicina de são josé do rio preto: conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis. Cuid enferm., 2025; 19: 1.
11. SANTOS LRB, et al. Prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre homens jovens heterossexuais: estudo de representação social. Revista Enfermagem UERJ, 2025; 33: 1.
12. SILVA B, et al. Associação entre comportamentos de riscos e autopercepção negativa de saúde em adolescentes. Saúde & Doenças, 2022; 23: 1.
13. SOUSA CP, et al. Adolescentes: a maior vulnerabilidade às IST/Aids. Rev. Tendên. Da Enferm. Profis, 2017; 9(4).
14. TERRA AAA, SILVA GAS. Representando as ações preventivas das IST/Aids realizadas por enfermeiros na atenção básica. Enfermagem Brasil, 2017; 16(5).
15. VOEGELE P, POLENZ W. Prevenção e promoção da saúde em relação a infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes universitários na Alemanha. Rev.Saúde Pública, 2024; 1401–1407.